



Uma crítica à memética de Susan Blackmore¹

A criticism of Susan Blackmore's memetics

Gustavo Leal Toledo

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professor no Departamento Multidisciplinar de Tecnologia, Ciências Humanas e Sociais (DTECH) da Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), Ouro Branco, MG - Brasil, e-mail: lealtoledo@ufsj.edu.br

Resumo

O livro *The Meme Machine*, de Susan Blackmore, foi considerado por Dawkins como aquele que leva a memética mais longe. Nesse livro, Blackmore apresenta várias análises meméticas de variados fenômenos,, além disso, procura resolver algumas das questões mais fundamentais da área e apresentar algumas das definições mais utilizadas de conceitos centrais da memética. Por mais importante que seja tal livro, Blackmore comete o erro de ignorar as pesquisas que poderiam fundamentar suas análises e, desse modo, acaba criando narrativas interessantes, mas sem embasamento empírico.

Palavras-chave: Memética. Panglosianismo. Susan Blackmore.

¹ Agradeço o apoio do CNPQ e demais entidades através do projeto aprovado pelo edital MCTI /CNPq /MEC/CAPES 07/11.

Abstract

Susan Blackmore's book, The Meme Machine, was considered, by Dawkins, as the one that takes Memetics further. In this book, Blackmore depicts many Memetics analysis of several phenomena as long as trying to solve some of the most fundamental questions within this area and also present some of the most used definitions of the main concepts of Memetics. As important as the book might be, Blackmore makes the mistake of ignoring the researches that could support her analysis and, in this way, she creates interesting narratives, but without an empirical foundation.

Keywords: *Memetics. Panglossianism. Susan Blackmore.*

Introdução

Ao estudarmos a Memética encontramos sempre diversos problemas e questionamentos, alguns perfeitamente pertinentes, outros nem tanto, mas todos com respostas possíveis. No entanto, delinear um argumento sobre esse tema tão controverso e ao mesmo tempo tão pouco compreendido se transforma em um trabalho de Sísifo, pois toda vez que uma pedra é movida, vemos logo que temos que movê-la de novo. Toda vez que um espaço conceitual é analisado e limpo, deixando uma crítica resolvida, os críticos logo apontam para outros problemas ainda por resolver. Em outra oportunidade, quando algum desses outros problemas é também resolvido, outro crítico volta a apontar os problemas que faltam, incluindo em seu rol aquele primeiro problema que julgávamos já ter resolvido anteriormente. Desse modo, toda crítica à Memética que é respondida sempre deixa uma áurea de insatisfação dada às inúmeras críticas e má compreensão que ainda restam em um trabalho que parece ser sempre circular e sem fim. No entanto, não resta alternativa a não ser continuar respondendo um problema por vez.

De início vemos que um dos principais problemas da Memética é a não compreensão de suas bases conceituais e de sua relação de

analogia com a biologia evolutiva. Infelizmente, explicar isso foge ao escopo do presente artigo, pois exigiria um recuo conceitual incompatível com os objetivos do mesmo. No que diz respeito ao tema tratado aqui, basta entender, por hora, que a Memética pretende ser uma ciência baseada em modelos matemáticos da Genética das Populações e da Epidemiologia com o intuito de estudar os *memes*, conceito criado por Richard Dawkins no último capítulo do seu livro *O Gene Egoísta*, em 1976. Os memes seriam unidades de cultura² transmitidas de pessoa a pessoa por imitação ou por outras formas de aprendizagem cultural. Desse modo, a transmissão dos memes seria semelhante o suficiente à transmissão de genes para utilizar os mesmos modelos. Basicamente o que se procura é fundamentar o estudo da cultura dentro do Pensamento Populacional já utilizado pela Biologia.

Desse modo, o presente artigo estará fundamentado na concepção, defendida em outro lugar (LEAL-TOLEDO, 2009), de que para uma nova ciência se desenvolver é preciso que ela tenha espaço epistemológico de manobra para trabalhar sem ter que responder inicialmente a toda e qualquer questão epistemológica que lhe é colocada. Nas palavras sucintas de David Hull, “a memética deveria ser avaliada apenas quando um número razoável de pessoas começasse a desenvolvê-la” (HULL, 2000, p. 50, tradução minha). Tendo isso em vista, pretende-se apresentar alguns exemplos clássicos de explicação memética, criados por Susan Blackmore, com o intuito de analisar e criticar uma visão abstrata e simplista da Memética. Tal visão, fruto dos exemplos e análises de Blackmore, cria uma imagem da Memética como se ela estudasse a evolução dos memes sem se preocupar com seu fundamento empírico o que têm lhe causado críticas desnecessárias e prejuízo em seu desenvolvimento.

² O problema da “unidade de cultura” é um dos referidos problemas importantes que não serão tratados aqui, pois foram tratados em outro lugar. No concernente ao que será tratado aqui, basta entender que só é necessário que os memes tenham “unidade” de modo que possamos classificar um grupo de memes como sendo “do mesmo meme”, ou seja, como tendo um conjunto relevante de características semelhantes para classificá-los em um grupo. Cabe lembrar também que não só a biologia evolutiva teve que ficar quase 100 anos sem saber qual era exatamente a instanciação física de um gene; com o surgimento da genética molecular, a própria noção de gene está se esvaecendo (EL-HANI, 2007).

O Panglossianismo na Memética de Blackmore

Se o conceito do meme criado por Dawkins foi achar seu lugar na mente do filósofo Daniel Dennett, o meme da memética propagado por Dennett encontrou seu espaço na mente de Blackmore, que foi considerada por Dawkins e Dennett como a principal defensora da memética. “Foi Susan Blackmore, em *The Meme Machine*, que levou a teoria memética mais longe” (DAWKINS, 2007, p. 259). Foi nesse livro de 1999 que ela fez o que é ainda um dos mais conhecidos modelos de como a memética deveria ser. Pretende-se, aqui, avaliar esse modelo, levantando suas fragilidades e defender que a imagem da memética criada por ela é um dos motivos de má compreensão dessa ciência.

Blackmore parece estar convencida de que a memética pode ser uma ciência e, para mostrar isso, ressalta alguns pontos que não foram bem trabalhados por seus predecessores. Talvez o ponto mais fundamental seja a sua ideia de que os memes só podem ser passados por imitação “no sentido estrito”³. Por imitação ela quer dizer a cópia exata de um padrão de comportamento. Para ocorrer a imitação é preciso, segundo ela, que três fatores existam: o indivíduo tem que ser capaz de escolher o que vai imitar; ser capaz de fazer uma transformação complexa de um ponto de vista para o outro; e tem que de fato realizar tal padrão comportamental.

Segundo Blackmore, é necessário fazer essa separação, pois só na imitação algo de fato está sendo passado, a saber, um padrão de comportamento específico. Nas outras formas de aprendizado social, não há cópia de informação. Só através da imitação podemos dizer que houve algum tipo de hereditariedade

Não trataremos dos outros animais, pois o mais importante aqui é, de fato, a transmissão de memes entre seres humanos. Por ora basta ficarmos com a seguinte intuição em mente: é fato que o ser humano já tem uma grande habilidade de imitar literalmente desde o primeiro minuto de sua vida, e ao contrário dos outros animais, tal habilidade nunca

³ Este é outro ponto controverso que não trataremos aqui. Ao contrário de Blackmore, outros autores consideram que qualquer forma de aprendizado social pode passar memes (Cf. DUGATKIN, 2000, p.131; PLOTKIN, 1997, p. 77).

é diminuída ou perdida com o tempo. No ser humano pode-se dizer que essa habilidade é praticamente ilimitada. Nas palavras de Blackmore:

As crianças humanas são capazes de imitar uma ampla gama de sons vocais, posturas corporais, ações sobre objetos, e até mesmo ações completamente arbitrárias tais como abaixar-se e encostar a cabeça em um painel plástico. Por volta dos 14 meses de idade, a imitação às vezes pode atrasar-se até cerca de uma semana ou mais, e as crianças parecem saber quando os adultos lhes estão imitando. Ao contrário dos demais animais, nós imediatamente imitamos quase tudo, e parece que sentimos prazer em fazê-lo (BLACKMORE, 1999, p. 50, tradução minha).

Dado que memes devem passar exclusivamente por imitação, é preciso notar que nem todos os padrões comportamentais terão a mesma chance de serem imitados. Uma música simples, por exemplo, é muito mais provável de ser imitada do que uma complexa. O mesmo se dá para uma música boa em relação a uma música ruim, sendo que *bom* e *ruim* vai, é claro, depender do aparato cognitivo de cada indivíduo. Também é mais provável que se imite o comportamento de alguém que admiramos do que o de alguém que desprezamos. Outros fatores que facilitam ou dificultam a transmissão dos memes poderiam ser levantados; por exemplo, é mais fácil lembrar-se de um meme que coopera com os outros memes que já temos. Qualquer um percebe isso ao ver que é mais fácil lembrar-se de uma nova palavra na nossa língua do que em alguma outra língua desconhecida. Também podemos lembrar que uma ideia útil terá uma maior chance de ser aprendida. Além disso, a natureza de nossos mecanismos cerebrais de atenção e de memória também influencia na capacidade de um meme ser passado ou não. Tudo isso deve ser estudado como parte do ambiente dos memes. Só assim poderemos saber quais memes são mais prováveis de serem imitados. No entanto, veremos que Blackmore ignora largamente essas questões em suas análises meméticas. Ignorar ou deconsiderar o ambiente dos memes, ou seja, a mente e seu funcionamento, foi o problema central da análise de Blackmore. Tal análise criou uma imagem do meme como deslocado do seu meio e da Memética como estudando os memes totalmente em

separado, sem considerar as bases psicológicas, biológicas e culturais que influenciam e até determinam a transmissão dos mesmos.

Temos assim que vários fatores, principalmente psicológicos, mas também biológicos e até mesmo culturais (meméticos), interferem na probabilidade de um determinado meme ser aprendido, retido na memória e passado posteriormente. Isso influencia diretamente quais memes serão mais comuns — porque são os mais prováveis de serem passados e retidos por outros — e quais serão mais raros. Mas sabemos que memes podem mudar. Não entraremos aqui na questão de se essa mudança é dirigida por um sujeito ou não. O fato é que eles mudam e isso é o suficiente para a memética. Essas mudanças podem torná-los mais ou então menos prováveis de serem copiados e passados. Quanto mais provável de ser imitado, quanto mais adaptado ao seu meio, que é a mente humana, mais comum ele será. E poderá se tornar ainda mais comum se sofrer novas modificações que o tornem ainda mais provável de ser imitado.

Levando o que acabou de ser dito em consideração, podemos entender mais facilmente a memética. Memes devem ser passados por imitação, para isso têm que se adaptar ao aparato cognitivo dos seres vivos capazes de imitação. Tais seres, mais especificamente os seres humanos, sempre terão uma maior probabilidade de imitar algum comportamento do que outro. Isso significa que os memes mais parecidos com tais comportamentos se tornarão mais comuns simplesmente porque são mais parecidos com tais comportamentos. O aparato cognitivo humano, seja ele capaz de escolha ou não, pode ser considerado só como parte do ambiente ao qual o meme deve se adaptar. Memes melhor adaptados a tal ambiente se tornarão mais comuns.

Nunca é demais ressaltar que há aqui uma mudança de ponto de vista extremamente necessária para compreender o que a memética traz de novo ao estudo da cultura e à compreensão do que é ser um ser humano. O sucesso de um meme não se dá a despeito dos seres humanos, e sim por causa deles. Do ponto de vista dos memes, os seres humanos são o ambiente ao qual eles devem se adaptar. Mas do ponto de vista dos seres humanos, escolhemos passar os memes de que mais gostamos. Do mesmo modo, do ponto de vista da fruta, o paladar do macaco é só o seu ambiente, mas do ponto de vista do macaco é ele que escolhe as frutas

de que mais gosta de comer. Esses dois pontos de vista, que muitas vezes parecem ser opostos, são, na verdade, complementares.

Isso quer dizer que poderíamos, então, continuar falando de uma maneira cotidiana de padrões culturais que os humanos decidem ou não adotar. Mas o que há de novo é que podemos finalmente falar também do ponto de vista oposto, o ponto de vista dos memes, para os quais os seres humanos e sua capacidade de escolha não são nada além de seu ambiente. Nasce, assim, a chamada *perspectiva-dos-memes* (DENNETT, 1998). A memética trata a cultura não do ponto de vista dos humanos, mas do ponto de vista da própria cultura. Em última instância é isso o que significa tratar a cultura como uma replicadora por conta própria. Podemos dizer que são os memes que querem ser replicados e não nós que os queremos replicar. É esse ponto de vista, a do meme como sujeito, que a memética nos traz e é essa sua grande inovação. Nas palavras de Blackmore:

Ao invés de pensar em nossas ideias como nossas próprias criações, e como coisas que trabalham para nós, temos que pensar nelas como memes autônomos egoístas, que trabalham apenas no sentido de serem copiados (BLACKMORE, 1999, p. 8, tradução minha).

A grande questão agora é ver como se dá a transmissão da cultura a partir desse novo ponto de vista e, depois disso, ver se esse novo ponto de vista nos provém com novas intuições, novas explicações e, por que não, novas previsões. Caso ele se mostre frutífero, então não há motivos para não adotá-lo e até preferi-lo em relação ao modelo antigo das ciências sociais.

Nessa nova perspectiva, em vez de ver um meme como um produto criado por um sujeito, o qual tenta passá-lo para os outros, deve-se ver um meme como uma instrução que diz “copie-me e espalhe-me” exatamente da mesma forma que os vírus:

Os vírus são instruções de programa codificadas, escritas sob a linguagem de DNA, e existem em benefício das próprias instruções. As instruções dizem ‘Copie-me e espalhe-me por toda a parte’ e as que forem obedecidas

são as que encontramos. Isso é tudo. Esse é o mais próximo que se pode chegar da questão 'Por que os vírus existem?' (DAWKINS, 1998, p. 293).

Os memes mais comuns serão os que mais terão sucesso em serem copiados e espalhados. O que vai ditar esse sucesso é a sua adequação ao seu ambiente, ou seja, à mente humana. Pode parecer estranho o que está sendo dito aqui, mas é apenas outro modo de dizer que as ideias e comportamentos mais comuns serão aqueles de que mais gostamos, ou melhor, aqueles que mais se adequam à nossa estrutura cognitiva. É claro que nossas estruturas cognitivas não podem ser reduzidas à nossa habilidade de gostar, mas inicialmente, e na falta de análises mais detalhadas de como essas estruturas funcionam, é uma aproximação útil. Desse modo, basta agora que vejamos um número considerável de exemplos do que é utilizar a perspectiva do meme para estudar a cultura. Para todos os exemplos que serão mostrados deve ser feito o mesmo raciocínio inicial:

Imagine um mundo cheio de hospedeiros de memes (ou seja, cérebros), e muito mais memes do que possivelmente poderiam vir a encontrar um lar. Agora se pergunte: quais são os memes que têm maior chance de encontrar um lar seguro, e serem passados adiante? (BLACKMORE, 1999, p. 37, tradução minha).

Tal pergunta é o início de qualquer consideração memética. Ela pode causar certo desconforto, mas acabamos de mostrar que tal desconforto é indevido. Podemos refazer essa pergunta da seguinte maneira: dada as preferências cognitivas dos seres humanos, quais ideias e comportamentos serão mais comuns? A diferença entre essas perguntas diz respeito aos diferentes ângulos a partir dos quais estamos questionando o mesmo problema.

No que se segue, devemos levar em consideração que muitas vezes adotar a visão do meme pode parecer estranho por ser muito óbvio, mas é preciso não se deixar levar por tal obviedade. Devemos lembrar que a teoria de Darwin, que poderia ser resumida como aqueles que mais se reproduzem se tornam mais comuns, pode parecer também bastante óbvia, tão óbvia que foi até acusada de ser tautológica. Mas na

sua dita obviedade ela nos trouxe um modo completamente novo de tratar o mundo vivo.

Infelizmente, os exemplos que serão dados a seguir não podem ser entendidos como Memética propriamente dita. São só análises iniciais que poderiam ser utilizadas por futuros cientistas meméticos para fazer a sua pesquisa. O problema é que Blackmore desconhece as estruturas cognitivas que fazem um meme ser mais ou ser menos adaptado. Além disso, em uma atitude tipicamente memética que será criticada ao longo deste trabalho, Blackmore ignora largamente as pesquisas que já existem sobre os assuntos que ela está tratando desenvolvidas em Antropologia, Arqueologia, História, Linguística etc.

O problema de Blackmore é que ela constrói *just so stories*, narrativas históricas interessantes e inteligentes, mas sem nenhum fundamento empírico mais preciso. Exatamente o que Gould temia. Este, inclusive, faz várias críticas à memética, mas não as desenvolve⁴.

O primeiro exemplo que Blackmore nos dá para utilizar o ponto de vista dos memes é a transformação do ser humano, que era principalmente caçador-coletor, em agricultor. Blackmore nos diz que, ao contrário do que muitos pensam, a mudança para esta nova forma de subsistência trouxe uma enorme quantidade de malefícios para a condição de vida e para a saúde. Dados mostram que caçadores-coletores atuais têm absurdamente mais tempo para lazer e uma saúde melhor. Aparentemente isso também era um fato há 10.000 anos e podemos comprová-lo através do estudo de esqueletos remanescentes. Nesse ponto, ela se baseia em estudos antropológicos existentes. Podemos até lembrar que na Bíblia o trabalho é considerado como a punição de Adão. Existem também explicações biológicas de por que esta transição se deu. Agricultores podem ter mais filhos e podem viver em comunidades maiores do que caçadores-coletores nômades. Tais explicações são as aceitas até o momento, mas Blackmore soma a essa explicação o fato de que memes não necessariamente se importam com o nosso bem-estar. Se o comportamento de cultivar plantas e criar animais for mais simples do que o de caçar e coletar, ele se espalhará só porque é mais simples e nada

⁴ Cf. GOULD, 2003, p. 319.

mais. Cabe aqui perguntar se novas explicações para esse fato tão estudado são realmente necessárias. De qualquer modo, este é um exemplo de uma explicação que a memética poderia dar.

Outra questão trazida por Susan Blackmore é: por que pensamos tanto? Qual o motivo que faz ser praticamente impossível parar de pensar? Inicialmente este não parece ser um problema. Estamos tão habituados a pensar constantemente que sequer imaginamos que poderia ser diferente. Mas tal pensamento incessante, e às vezes até desconfortável (em uma noite de insônia), não parece ser uma característica necessária, pois poderíamos muito bem pensar bem menos ou quase nada. Na verdade, é possível defender que poderíamos ser só comportamentais e não pensar absolutamente nada, como fizeram alguns behavioristas. Então, por que pensamos tanto? Questões como essas são justamente exemplos do que a memética pode trazer de novo para o debate atual. Para a memética, esse motivo não poderia ser mais simples: memes estão a toda hora competindo por espaço em nossos cérebros. Toda hora temos uma ideia ou um padrão de comportamento que quer se tornar mais “forte” do que os outros para ser passado adiante. Na verdade, essa seria a explicação memética do modelo dos múltiplos esboços de Dennett. É claro que tal explicação exige uma fundamentação empírica mais rigorosa do que somente baseá-la nas ideias de um filósofo. É preciso saber antes se o cérebro realmente funciona de modo que vários pensamentos estejam competindo por espaço.

Não apenas pensamos demais, mas também falamos exageradamente, às vezes até sozinhos. Essa é mais uma questão que inicialmente parece prescindir de explicação, mas a memética pretende mostrar que não é bem assim. Falar custa tempo e energia que é desperdiçada em conversas que parecem ser completamente inúteis, principalmente do ponto de vista dos genes. Mas do ponto de vista dos memes, falar é extremamente útil, pois permite que eles sejam passados. Na verdade, devemos questionar por que adquirimos tal habilidade de falar. Estamos tão acostumados com isso que suas vantagens parecem óbvias. Em grande parte das vezes, falamos simplesmente por prazer, o que é mais verdadeiro ainda em relação a cantar⁵. Mas qual seria o motivo que

⁵ A nossa facilidade de lembrar de versos talvez esteja na origem dos memes para cantar. Tal facilidade é constatada em

faz parecer tão difícil parar de falar? A explicação memética mais uma vez surpreende por sua simplicidade: pessoas que falam mais espalham mais memes, dentre eles estão os memes para falar mais. No entanto, ela pode ser exageradamente simples. Há indícios, por exemplo, de que nossa habilidade de falar pode ter coevoluído com a cooperação dentro do grupo e auxiliado na criação de laços dentro desse grupo. Poderia, então, ter também uma boa explicação biológica. Por sua vez, psicólogos evolutivos poderiam explicar tal evento como um resquício da origem do homem: falar demais pode ter sido adaptativo, mas não é mais. O importante aqui é ver que embora a explicação de Blackmore seja interessante, lhe falta qualquer base empírica para que ela seja considerada como a melhor resposta entre várias respostas possíveis.

A questão para Blackmore é que uma pessoa que se mantenha calada terá dificuldade de passar os memes de “ficar calada”. Podemos levar tal caso ao extremo para entender melhor: imagine uma pessoa que descobriu um gigantesco e surpreendente benefício de nunca mais falar coisa alguma seja por que meio for. Imagine que tal pessoa descobriu que se comunicar é, na verdade, um grande malefício. Pois bem, o problema agora é como essa pessoa poderia dizer para as outras pessoas aquilo que ela descobriu? Ela não poderia, ficaria calada e sua grande descoberta morreria com ela. Tal meme seria um meme suicida. Agora, pessoas que falam bastante podem facilmente espalhar o meme de que é bom falar bastante. Por esse motivo, é esperado que esse meme se espalhe mais do que seus concorrentes. De fato, isso se daria desse modo, mas se é assim que realmente ocorre é uma questão para a qual Blackmore não tem resposta. Falta, mais uma vez, uma análise psicológica e empírica mais detalhada.

Deve-se questionar também não só por que falamos tanto, mas também por que falamos o que quer que seja. Parece ser perfeitamente possível que a linguagem nunca tivesse existido, ou fosse para sempre extremamente rudimentar como encontramos em alguns animais. Ao pensarmos qual é a função da linguagem podemos perceber que uma

qualquer cursinho pré-vestibular nos quais se usam músicas para gravar regras que não seriam lembradas de outra maneira. Técnica semelhante é usada em pré-escolas.

de suas principais funções é a de espalhar memes. A linguagem pode ter surgido justamente porque é um ótimo meio de passar informações. Na verdade, a nossa linguagem deve ter começado a surgir cerca de 100.000 anos atrás (MITHEN, 2002, p. 336) e ainda hoje é a nossa melhor maneira de passar informação não genética. Mas, passar informação não genética é só outro modo de falar “passar memes”. Do ponto de vista da memética, a linguagem foi selecionada para passar memes. Ou com um pouco mais de rigor conceitual, a linguagem existe porque é um meio eficiente de passar memes, dentre eles os memes da própria linguagem. Mais uma vez, não podemos ignorar que existem algumas outras explicações com mais embasamento teórico e empírico para o surgimento da linguagem, dentre elas, mencionada anteriormente, a habilidade de cooperar e de manter relações sociais.

Outro exemplo seriam os memes do controle de natalidade; nas palavras de Blackmore:

As mulheres que têm apenas um ou dois filhos, ou nenhum, são muito mais capazes de encontrar empregos fora de casa, ou de terem uma vida social excitante, ou de usar e-mail, escrever livros ou artigos, ou se tornarem personalidade políticas ou públicas, ou praticarem atividades que possam espalhar seus memes, inclusive os memes para o controle de natalidade e os prazeres de uma pequena família. São essas as mulheres que aparecem na mídia, cujos sucessos inspiram as outras pessoas, e que oferecem modelos de comportamento a serem copiados por outras mulheres (BLACKMORE, 1999, p. 140, tradução minha).

Mais uma vez podemos ver que há certo estranhamento quando se vê a cultura do ponto de vista dos memes, mas, se conseguirmos deixar nossas sensações iniciais de lado, poderemos perceber que de fato mulheres com menos filhos têm muito mais tempo para espalhar os seus memes, inclusive os memes de ter menos filhos. Sabemos que, tirando raras exceções, nossa sociedade privilegia mulheres com poucos filhos. No entanto, Blackmore falha em mostrar por que essa alternativa é melhor do que outras.

O último exemplo de Blackmore que trataremos aqui são os memes do altruísmo. Existem várias explicações biológicas para o

altruísmo, as mais destacadas são o altruísmo recíproco e seleção de parentesco. Mas a memética também pode contribuir e até dar uma explicação para o chamado “verdadeiro altruísmo”, em que não há necessariamente reciprocidade e não é direcionado para parentes. Nesse caso, o altruísmo é passado porque tendemos a gostar mais de pessoas altruístas do que de pessoas egoístas e, além disso, tendemos a imitar pessoas de que gostamos. Altruístas simplesmente nos inspiram bem mais do que egoístas:

Experimentos psicológicos confirmam que é mais provável que as pessoas sejam influenciadas e persuadidas pelas pessoas de que gostam. Assim, os amigos imitam seu comportamento popular e, dessa forma, seu altruísmo se espalha. E quanto mais amigos ele tem, mais pessoas podem potencialmente adotar suas formas de se tornar popular (BLACKMORE, 1999, p. 155, tradução minha).

Publicitários sabem disso há muito tempo e utilizam essa informação para espalhar seus memes, ou melhor, os memes que eles são pagos para espalhar, colocando pessoas, normalmente artistas de que as pessoas gostam, para vender produtos, mesmo que esses produtos não tenham absolutamente relação nenhuma com tais artistas. No caso da cultura, Blackmore sugere que essa seria também uma possível explicação para que certos comportamentos bem-educados e politicamente corretos se espalham com tanta frequência. A questão é simples, do mesmo modo que uma borboleta pode sobreviver só porque parece com outra borboleta que é venenosa, tais comportamentos existem simplesmente porque parecem altruístas, mesmo não sendo necessariamente este o caso:

Nós sorrimos muito para as pessoas, e sorrimos de volta para as pessoas que sorriem primeiro para nós. Também dizemos frases educadas e gentis para elas: “Como você vai?” “Espero que esteja tudo bem com os seus pais” “Divirta-se na sua festa” “Como posso ajudá-lo?” “Tenha um bom dia” “Feliz ano novo”. Com todos esses memes comuns, damos a impressão de nos importar com a pessoa com quem falamos, mesmo quando esse não é realmente o caso. É por isso que

esses são memes vitoriosos. Nossa conversação cotidiana está cheia deles (BLACKMORE, 1999, p. 165, tradução minha).

Mais uma vez é preciso deixar nossas primeiras impressões de lado e perceber que realmente somos constantemente bem-educados, mesmo quando não queremos, e somos assim porque desse modo parecemos nos importar com as pessoas, mesmo quando não nos importamos. Fazemos isso porque de fato queremos que as pessoas achem que nos preocupamos com elas. Queremos parecer altruístas e amigáveis. Fingimos ser altruístas e amigáveis, pois assim podemos usufruir dos benefícios que os altruístas ganham, dentre eles o benefício de que nossos memes sejam levados em consideração pelas pessoas, dentre estes, o meme do altruísmo. Pessoas mal-educadas são menos capazes de transmitir seus memes, dentre eles os memes para a má-educação. Muitas pessoas são capazes de se lembrar de um ou mais eventos em que elas foram gentis quando não queriam ser, simplesmente porque estavam interessadas em algo da outra pessoa. Esse é um evento e uma explicação cotidiana para a necessidade de ser gentil, no entanto outras explicações poderiam ser dadas; por exemplo, a psicologia evolutiva poderia dizer que a gentileza fortalece os laços sociais e que temos um módulo mental para isso. É claro que esta seria outra *just so story*, mas só o fato de que existem duas explicações diferentes já é o suficiente para perceber a necessidade de mais pesquisas.

Conclusão

Todos esses exemplos que nos parecem estranhos, também nos parecem óbvios. Ao mesmo tempo em que a memética pode ser vista como uma maneira completamente nova de olhar para a cultura, suas análises muitas vezes parecem ser tão simples que nos questionamos se é realmente necessária uma teoria dos memes para desenvolvê-las. A questão é que a memética nos mostra que existe um aparato conceitual muito mais forte por detrás de algumas intuições cotidianas sobre por que certos comportamentos são mais comuns do que outros. No final das contas, a resposta sempre é que eles são mais comuns simplesmente

porque “gostamos” mais deles. A mesma “obviedade” pode ser achada em Darwin, que, em resumo, dizia que certas variações eram mais comuns simplesmente porque se reproduziam mais se comparadas com a média da população com a qual competem por recursos. Do mesmo modo, gostamos mais de certos comportamentos porque eles se adequam melhor ao nosso aparato cognitivo se comparados com outros que competem por nossa atenção, memória e controle do comportamento.

O problema fundamental dessas análises é justamente que Blackmore em grande parte ignora o fundamento empírico necessário para suas explicações e se contenta apenas em criar histórias de como tais eventos poderiam ter surgido de um ponto de vista memético. Ao fazer isso, ela não está, de fato, explicando nada, mas apenas sugerindo explicações possíveis que precisam ser testadas e fundamentadas. No entanto, por se tratar do trabalho mais conhecido e elogiado em Memética, criou-se uma imagem de que o que ela fez nesse livro seriam exemplos padrão de explicações meméticas. A partir daí foi comum a construção de críticas a esse modelo justamente por tratar a evolução cultural como um reino completamente isolado das influências psicológicas, neurológicas, biológicas e às vezes até sociais. Essa imagem errada da memética fundamenta críticas como, por exemplo, de Richerson e Boyd (2006), que levantam justamente o problema de faltar à Memética a base empírica necessária para uma explicação completa da coevolução entre gene e meme.

No entanto, assim como Gould (1998, p. 54) percebeu corretamente que o darwinismo pode cair em um adaptacionismo exagerado, criando narrativas históricas inteligentes sem fundamento empírico nenhum, podemos detectar esse mesmo problema na Memética. Existe um aparato conceitual, mas ainda lhe falta desenvolver praticamente todo o seu fundamento empírico. Isso não significa que as análises feitas por Blackmore estejam erradas, somente que elas não são o suficiente, não são científicas; isso ainda não é a Memética. É preciso muito mais. São necessários estudos mais detalhados da cultura, é preciso mostrar melhor as explicações concorrentes, é preciso fundamentar suas bases em conhecimentos sobre a psicologia e o cérebro humano, é preciso descobrir como memes são passados, como são guardados e, principalmente, o que faz uma pessoa ser “invadida” por um meme e não pelo outro. Do

mesmo modo, Darwin não apresentou só uma estrutura abstrata de sua teoria. Ele a fundamentou com inúmeras análises empíricas.

A falta de seu aparato empírico faz com que a Memética pareça estudar os memes descolados do que é seu ambiente e pelo qual é selecionado. No entanto, isso empobrece a Memética e tira quase todo seu poder explicativo, criando uma visão extremamente panglosiana e quase que flutuando em um mundo abstrato sem contato com a própria realidade empírica na qual ela existe. Essa imagem causa não só danos ao desenvolvimento da própria Memética, uma vez que não delinea um horizonte de pesquisa, mas também fundamenta uma má concepção da mesma como se o estudo dos memes se desse por si só, sem o aparato que o seleciona e garante sua replicação. Contudo, se vista de outra forma, percebemos que os memes não são replicados a despeito de nosso aparato cognitivo, com todas suas implicações psicológicas, biológicas e culturais, mas sim por causa dele. Desse modo, não tratá-lo com sua fundamental importância retira da Memética o seu próprio potencial explicativo causando apenas confusão conceitual.

Referências

BLACKMORE, S. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2001.

DAWKINS, R. **A escalada do monte improvável**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DAWKINS, R. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DENNETT, D. C. **A perigosa idéia de darwin**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DUGATKIN, L. A. **The imitation factor: evolution beyond the gene**. New York: The Free Press, 2000.

EL-HANI, C. N. Between the cross and the sword: the crisis of the gene concept. **Genetics and molecular biology**, v. 30, n. 2, p. 297-307. 2007. doi:10.1590/S1415-47572007000300001.

GOULD, S. J. **A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GOULD, S. J. Sociobiology and the Theory of Natural Selection. In: RUSE, M. (Ed.). **Philosophy of biology**. New York: Prometheus Books, 1998. p. 253-264.

HULL, D. Taking memetics seriously: memetics will be what we make it. In: AUNGER, R. (Org.). **Darwinizing culture: the status of memetics as a Science**. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 43-69.

LEAL-TOLEDO, G. **Controvérsias meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore**. 2009. 467 p. Tese (Doutorado Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

MITHEN, S. **A pré-história da mente: em busca das origens da arte, da religião e da ciência**. São Paulo: UNESP, 2002.

PLOTKIN, H. **Darwin machines and nature of knowledge**. Massachusetts: Havard University Press, 1997.

RICHERSON, P. J.; BOYD, R. **Not by genes alone: how culture transformed human evolution**. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

Recebido: 28/06/2012

Received: 06/28/2012

Aprovado: 23/11/2012

Approved: 11/23/2012